



Hofesh Shechter

COMPANY

CCB

Uprising + In your rooms

DANÇA

© ANDREW LANG

* *In your rooms* premiado Critics Circle Award
for Best Modern Choreography /
Ninth Annual National Dance Awards 2009

Uprising + In your rooms*

12.13 FEV

21H < GRANDE AUDITÓRIO M/12

COREOGRAFIA E MÚSICA Hofesh Shechter

WWW.CCB.PT

BILHETEIRA ONLINE < TRAGA
O SEU BILHETE DE CASA

UTILIZE OS DESCONTOS
CARTÃO AMIGO CCB

Uprising

> **Com** Chien-Ming Chang

Christopher Evans

Bruno Karim Guillore

Philip Hulford

Jason Jacobs

Elias Lazaridis

Hofesh Shechter

> **Música adicional** *Vex'd*

> **Desenho de luz** Lee Curran

> **Duração** 26 minutos

Em Uprising, sete homens emergem das sombras e bombardeiam o palco com uma energia furiosa, agarrando-se e lutando, amando-se e zangando-se. Este trabalho carregado de tensão apresenta uma partitura com percussão vibrante também composta por Shechter, deixando o público atordoado.

"Puro prazer" *The Herald*, 2006

Uprising foi possível com o apoio da Robin Howard Foundation Commission 2006, Arts Council England e Jerwood Changing Stages Choreolab no DanceXchange.

In your rooms

> **Com** Winifred Burnet-Smith

Chien-Ming Chang

Christopher Evans

Bruno Karim Guillore

Philip Hulford

Jason Jacobs

Ye-Ji Kim

Elias Lazaridis

Yen-Ching Lin

Sita Ostheimer

Hannah Shepherd

> **Músicos**

Christopher Allan violoncelo

Andy Maddick viola

Yaron Engler percussão

Norman Jankowski percussão

Tim Harries contrabaixo

Em *In your rooms* emerge uma forte energia física, por vezes provocadora, política e profundamente pessoal, apresentando uma sociedade assustadoramente alienada, no entanto escandalosamente familiar. Onze bailarinos revelam movimentos incertos, falta de controlo e vulnerabilidades através de encontros confusos e comoventes. O trabalho apresenta uma composição musical original, criada por Shechter em colaboração com Nell Catchpole (The Gogmagogs). Esta composição admirável de Shechter é interpretada ao vivo e envolve o palco como se a música e a dança unissem forças para criar uma atmosfera verdadeiramente mágica.

"Este trabalho foi coreografado com tal entusiasmo que o seu efeito é quase o êxtase... uma obra poderosa."

Judith Mackrell, *The Guardian*, Outubro, 2007

Hofesh Shechter Company

Director artístico Hofesh Shechter

Director executivo Helen Shute

Director-geral Colette Hansford

Director técnico Ed Trotter

Administrador Emily Gorrod

Ensaaiador Bruno Guillore

Técnicos de luz Pete McCabe

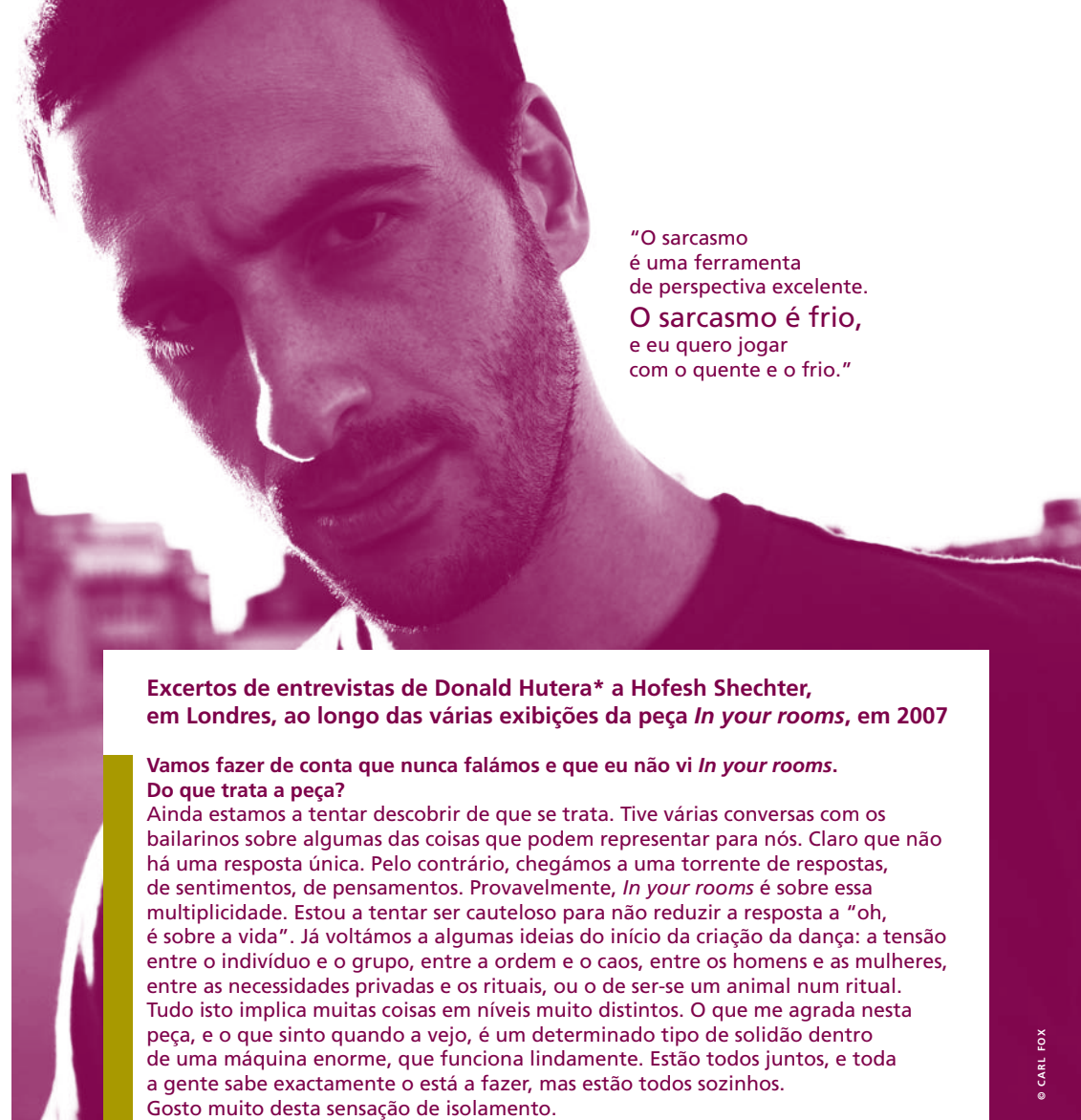
Engenheiros de som Anthony Birch

Director de cena Natalie Nicholson



Hofesh Shechter Company tem o apoio do Arts Council England. Hofesh Shechter Company é uma companhia em Residência na Brighton Dome.

www.hofesh.co.uk



"O sarcasmo é uma ferramenta de perspectiva excelente. O sarcasmo é frio, e eu quero jogar com o quente e o frio."

Excertos de entrevistas de Donald Hutera* a Hofesh Shechter, em Londres, ao longo das várias exibições da peça *In your rooms*, em 2007

Vamos fazer de conta que nunca falámos e que eu não vi *In your rooms*.

Do que trata a peça?

Ainda estamos a tentar descobrir de que se trata. Tive várias conversas com os bailarinos sobre algumas das coisas que podem representar para nós. Claro que não há uma resposta única. Pelo contrário, chegámos a uma torrente de respostas, de sentimentos, de pensamentos. Provavelmente, *In your rooms* é sobre essa multiplicidade. Estou a tentar ser cauteloso para não reduzir a resposta a "oh, é sobre a vida". Já voltámos a algumas ideias do início da criação da dança: a tensão entre o indivíduo e o grupo, entre a ordem e o caos, entre os homens e as mulheres, entre as necessidades privadas e os rituais, ou o de ser-se um animal num ritual. Tudo isto implica muitas coisas em níveis muito distintos. O que me agrada nesta peça, e o que sinto quando a vejo, é um determinado tipo de solidão dentro de uma máquina enorme, que funciona lindamente. Estão todos juntos, e toda a gente sabe exactamente o está a fazer, mas estão todos sozinhos. Gosto muito desta sensação de isolamento.

Fez alterações em *In your rooms*. Como é que isso poderá afectar a forma como o público percepciona a dança?

Esta peça funciona com imagens, mas senti que muitas delas eram demasiado lentas, e as pessoas perdiam o contacto com a peça. Por isso agora vêem-se imagens a passar mais rapidamente, ajudando-as a manterem-se ligadas à dança e a não perderem o fio do pensamento.

A dança continua a ser sarcástica? ou agora é menos?

Estou a tentar fazê-la ligeiramente mais sarcástica. O sarcasmo é uma ferramenta excelente de perspectiva. O sarcasmo é frio, e eu quero jogar com o quente e o frio. Jogo o tempo todo. A peça é quente e fria, colectiva e privada.

Há momentos realmente palpitações, sarcásticos, mas outros também verdadeiramente sérios. Na qualidade de alguém que se envolve intensamente com esta dança, às vezes acho-a comovente. O que caracteriza o outro lado do sarcasmo. Se dissermos a uma pessoa que temos uma coisa importante, profunda e comovente para dizer, estamos a arruinar esse momento. Gosto mais de a apanhar desprevenida.

Tanto o Hofesh como a dança amadureceram.

Cheguei à segunda parte do projecto apenas com a intenção de desfrutar a dança e de brincar com ela. Sinto muito mais confiança e à vontade quando lido com algo que já existe. Não tenho que reinventar tudo. Posso simplesmente melhorá-lo. O facto de tocar e de haver música ao vivo torna tudo muito mais divertido. O sabor desta peça é muito íntimo. Tem uma textura ligeiramente sarcástica e humorística, ligeiramente triste e solitária, para depois se sentir o grupo de novo. Há uma espécie de sensação redonda e suave. Não sei como explicá-lo melhor.

Fale-me da música de *In your rooms*.

Comecei-a a partir de sons e *loops* gerados num computador. Na realidade não tenho jeito nenhum. Limitei-me a criar um monte de material e a esperar que alguma coisa aconteça. Quando acontece, eu sei-o de imediato, e é então que o utilizo.

Quando é que a compositora Nell Catchpole entra em cena?

Apresento-lhe o meu trabalho e discutimos sobre a evolução e direcção que este pode tomar. Começámos por juntar alguns músicos e fizemos algumas sessões de gravação. Nell apoia-me muito. Percebi logo que não precisávamos de paninhos quentes um com o outro: se gostamos dizemo-lo, se não gostamos, partimos para outra coisa! Ela envia-me material de tempos a tempos. Se estou a pensar na secção de cordas, eu canto e ela toca. Não sei exactamente o que iremos utilizar nesta peça. Pode até ser que musicalmente seja muito simples. O trabalho dela transformou genuinamente a minha música.

O que determinou a selecção de instrumentos acrescentados à banda sonora preexistente?

De certo modo, tinha liberdade total. Ou seja, podia ter duas guitarras eléctricas e dois saxofonistas, ou o que quer que fosse. Escolhi os instrumentos em função do elemento de música electrónica na banda sonora. Pensei que seria bom se os músicos introduzissem um som quente, uma espécie de toque humano, que é não muito forte, mas antes algo bastante antigo, quente e suave. Uma viola é muito mais suave do que um violino; possui um calor verdadeiro. O contrabaixo envolve tudo. Também fomos criteriosos na escolha dos instrumentos de percussão, adequados de forma a transmitir esse calor. São essencialmente pandeiretas e bombos, instrumentos verdadeiramente quentes e suaves.

No palco, onde é o seu lugar e o dos outros músicos?

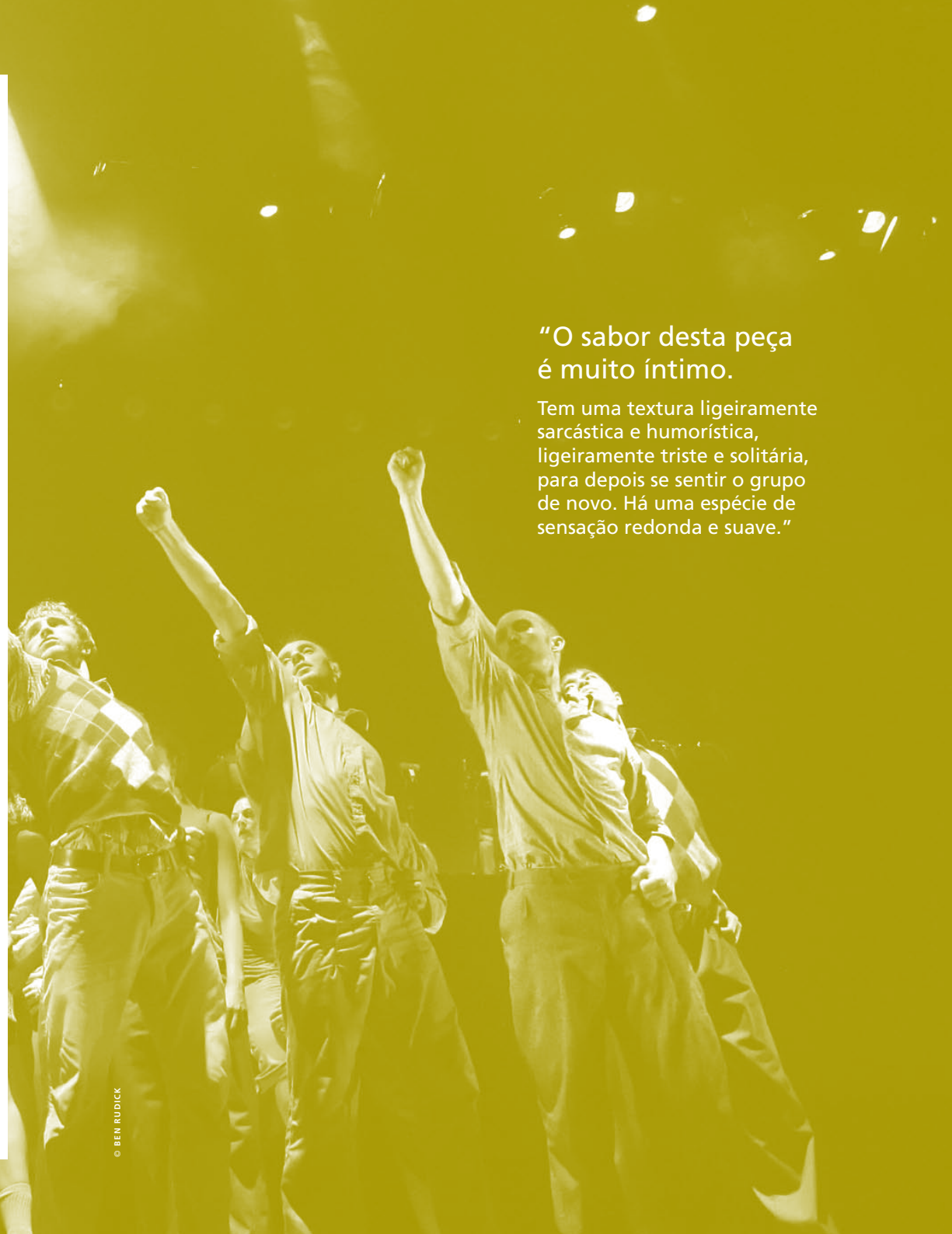
Como a composição da coreografia é bastante complexa, achei que o melhor era afastar os músicos do caminho. Por isso, flutuam a cerca de três metros e meio de altura. O público pode escolher entre olhar para eles ou para a coreografia, ou fixar-se algures no meio e tentar apanhar tudo.

Qual é a sensação de tocar na sua própria peça?

É divertido. Gosto muito.

“O sabor desta peça é muito íntimo.

Tem uma textura ligeiramente sarcástica e humorística, ligeiramente triste e solitária, para depois se sentir o grupo de novo. Há uma espécie de sensação redonda e suave.”



Formou à sua volta um grupo excepcional de bailarinos. O que é que procura nos bailarinos?

É uma tarefa difícil. Ando à procura de bailarinos por quem me apaixone artisticamente a partir do momento em que entrem no estúdio, mas que também possuam uma forte capacidade física e um forte potencial. Há muitos bons bailarinos, mas aqueles que trabalham comigo agora são brilhantes.

Os bailarinos tendem a pensar como os coreógrafos para quem trabalham?

Como se, até certo ponto, se colocassem dentro da cabeça deles?

Acho que é isso mesmo. Fizemos essa experiência, não me lembro onde e quando. Eu disse-lhes: “Okay, improvisa Akram [Khan]. Improvisa Wayne [McGregor]. Agora improvisem-me a mim.” Os bailarinos têm uma determinada imagem, uma energia ou impressão espiritual de alguém e vão buscá-la. Eles incorporam energias.

Como é que descreve a sua coreografia?

Tem qualquer coisa de mordaz. Algo sombrio mas suave, e sarcástico de uma maneira muito subtil. E emocionante. Uma pessoa está sentada no seu lugar e de vez em quando sente alguma adrenalina a correr nas suas veias. Não sei se estimulante é a palavra certa, mas é – de certa forma – uma coreografia enigmática.

Falemos um pouco de *Uprising*. Sete bailarinos, todos homens, e o Donald é um deles. Há uma energia tribal verdadeira. Certamente não tem necessidade de a expandir mais.

Quando a terminei, pensei: uau, que grande peça que fiz. Agora temos de conquistar o palco. E acho que conseguimos. Os três produtores vieram ter comigo e disseram, “Queremo-la na programação porque é importante. Faz parte do acordo”.

A dança pode mudar a vida das pessoas?

Sim, mas só nas pessoas que estiverem dispostas a mudar as suas vidas. E nem toda a dança consegue fazê-lo. A dança pode mudar um estado de espírito, e isso pode ficar consigo ou não.

O que é que o mantém ligado à dança?

Sei que a resposta certa seria porque é divertido, mas não é totalmente divertido. Tendo a sofrer bastante com questões que às vezes nem sequer estão relacionadas com o trabalho no estúdio. Penso que o que me mantém preso é conhecer pessoas novas e confrontar formas de trabalho, o que é uma espécie de coisa misteriosa com a qual tem que se lutar. Esse desafio atrai-me verdadeiramente. Como coreógrafo tenta-se purificar algo, mas parece sempre incompleto. Até um certo ponto, tem que se torná-lo parecido com aquilo que se pensou e lançá-lo em palco. Até ao momento, nunca fiz uma peça que tenha sentido que consegui purificar totalmente.

*** Donald Hutera escreve regularmente sobre dança e espectáculos ao vivo para *The Times*, *Time Out*, *Dance Europe*, *Dance Now*, *Animated*, e muitas outras publicações.**



HOFESH SHECHTER

“Shechter é um inovador inato”

Judith Mackrell, *The Guardian*, 3 de Dezembro de 2005

Como coreógrafo e compositor, Hofesh Shechter é considerado um dos artistas mais brilhantes do Reino Unido. Em 2008 venceu o Prémio Critic’s Circle National Dance Award, na categoria de Melhor Coreógrafo moderno. Recentemente deslumbrou o público com *The Choreographer’s Cut* (uma encomenda da Sadler’s Wells Theatre), e *Uprising/In your rooms*, apresentado em Roundhouse (espaço de referência no meio cultural londrino).

Nasceu em Jerusalém. Fez a sua formação na Jerusalem Academy for Dance and Music, e posteriormente mudou-se para Telavive, onde se juntou à prestigiada Batsheva Dance Company. Nesta companhia trabalhou com Ohad Naharin, director artístico, e com os coreógrafos Wim Vandekeybus, Paul Selwyn Norton, Tero Saarinen e Inbal Pinto.

Em Paris, no Agostiny College of Rhythm, continuou os estudos de bateria e percussão, antes iniciados em Telavive. Posteriormente, e ao mesmo tempo que participava em diversos projectos na Europa nas áreas da dança, teatro e percussão, aventurou-se na criação da sua própria música. Em 2002, Hofesh chegou ao Reino Unido.

Como coreógrafo estreou-se com *Fragments*, também com música de sua autoria. Esta peça andou em digressão pela Finlândia, Itália, Portugal, Coreia e Polónia, onde conquistou o 1.º lugar no concurso de coreografia 3rd Serge Diaghilev. Em 2004, foi subsidiado por The Place Prize para criar o sexteto *Cult*. Com este trabalho venceu o Audience Choice Award. Entre 2004 e 2006, foi Artista Associado em The Place e apoiado pela Fundação Robin Howard para criar *Uprising*, o seu trabalho mais popular para sete bailarinos. As três obras formam o triplo cartaz *deGENERATION*, o primeiro trabalho de Hofesh de longa duração.

Em 2007, criou *In your rooms* – um espectáculo concebido para ser apresentado em diferentes momentos em três dos maiores palcos londrinos: Sadler’s Wells, South Bank Centre, e The Place.

Em 2009, com o apoio do Brighton Festival, criou o “extremamente amargo” *The Art of Not Looking Back* (*The Observer*, 2009), inspirado e produzido para

seis bailarinas. Mais tarde, no Festival Latitude foi apresentada uma versão ao ar livre deste trabalho. Em 2010, estreia a sua obra *Political Mother*, no Brighton Festival.

No Reino Unido, Hofesh foi apoiado pela Bare Bones Dance Company, Edge e Verve, companhias formadas pelos alunos da London Contemporary Dance School e Northern School of Contemporary Dance respectivamente, StopGAP Dance Company, Scottish Dance Theatre, CandoCo e Dance United. A nível internacional criou e montou novas peças para o Ballet CeDeCe (Portugal), Hellenic Dance Company (Grécia), Bern Ballett (Suíça), Skanes Dansteater (Suécia), e Carte Blanche Dance Company (Noruega).

Trabalhou como coreógrafo em The Royal Court Theatre com a peça *Motor-town* de Simon Stephens (2006), e em *The Arsonists* (2007), colaborando com o director Ramin Gray em ambas as produções. Foi o coreógrafo de *Saint Joan* (2007), produção que venceu o Prémio do National Theatre, dirigida por Marianne Elliot e com a participação da actriz Anne Marie Duff. Também coreografou as sequências da dança "Maxxie's Dance" para o lançamento da segunda série do drama popular *Skins*, do Channel 4.

LEE CURRAN Designer de Luz

Tem trabalhado como designer de luz desde há 10 anos, criando para artistas e companhias, como Rambert, CandoCo, The Gate Theatre, Jonathan Burrows, Mark Baldwin, Nick Cave, Probe e Rafael Bonachela.

Começou por trabalhar com Hofesh em *Uprising*, e desde então colaborou com grande êxito em *In your rooms*, *The Perfect Human* (for CandoCo), e *The Art of Not Looking Back*. É também Director Técnico do ICA (Institut of Contemporary Arts) em Londres.

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

ANTÓNIO MEGA FERREIRA PRESIDENTE

ANA ISABEL TRIGO MORAIS VOGAL

MARGARIDA VEIGA VOGAL

CENTRO DE ESPECTÁCULOS

DIRECÇÃO DO CENTRO DE ESPECTÁCULOS MIGUEL LEAL COELHO

ADJUNTA PARA A PROGRAMAÇÃO LUÍSA TAVEIRA

ADJUNTA PARA O PLANEAMENTO CLÁUDIA BELCHIOR

ASSESSORES PARA PROGRAMAÇÃO MUSICAL JOÃO GODINHO | FRANCISCO SASSETTI

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO LUISA INÉS

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO CARLA RUIZ

PRODUÇÃO INÉS CORREIA | PATRÍCIA SILVA | HUGO CORTEZ | INÉS LOPES | VERA ROSA | JOÃO MARTINS

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO RITA BAGORRO

DIRECTOR DE CENA COORDENADOR JONAS OMBERG

DIRECTORES DE CENA PEDRO RODRIGUES | PATRÍCIA COSTA | PAULA FONSECA | JOSÉ VALÉRIO

ESTAGIÁRIA FRANCISCA RODRIGUES

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO DE CENA YOLANDA SEARA

DIRECTOR TÉCNICO PAULO GRAÇA

CHEFE TÉCNICO DE PALCO RUI MARCELINO

SECRETARIADO DE DIRECÇÃO TÉCNICA SOFIA MATOS

TÉCNICOS PRINCIPAIS PEDRO CAMPOS | LUÍS SANTOS | RAUL SEGURO

TÉCNICOS EXECUTIVOS ARTUR BRANDÃO | F. CÂNDIDO SANTOS | VÍTOR PINTO | CÉSAR NUNES | JOSÉ CARLOS ALVES

HUGO CAMPOS | MÁRIO SILVA | RICARDO MELO | RUI CROCA

CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS NUNO GRÁCIO

TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS RUI LEITÃO | EDUARDO NASCIMENTO | LUÍS GARCIA SANTOS

NUNO BIZARRO | PAULO CACHEIRO | NUNO RAMOS

CHEFE TÉCNICO DE GESTÃO E MANUTENÇÃO SIAMANTO ISMAILY

TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO JOÃO SANTANA | LUÍS TEIXEIRA | VÍTOR HORTA

A collage of several black and white photographs showing various scenes from a performance. The photos are arranged in a diamond pattern and depict dancers, musicians, and audience members in dynamic poses.

CCB

AS LÁGRIMAS DE SALADINO

COREOGRAFIA

RUI HORTA

ARTISTA ASSOCIADO DA TEMPORADA CCB 2009/2010

TEXTO

RUI HORTA \ TIAGO RODRIGUES

MÚSICA ORIGINAL

JOÃO LUCAS

INTERPRETAÇÃO

KATARZYNA SITARZ \ MILÁN ÚJVÁRI \ NOEMÍ VIANA GARCÍA \ VÍT BARTÁK \
GILLES BARON \ MARCUS BALDEMAR \ SILVIA BERTONCELLI

MÚSICOS

PAULO TEMEROSO \ ANTHONY WHEELDON \ MARCO SANTOS \
DJ RIDE \ JOÃO LUCAS \ BANDA DA SOCIEDADE CARLISTA

ESTREIA | MÚSICA AO VIVO

5, 6 MARÇO

GRANDE AUDITÓRIO \ 21H \ M/12

WWW.CCB.PT BILHETEIRA ONLINE **TRAGA O SEU BILHETE DE CASA** ◀ UTILIZE OS DESCONTOS CARTÃO AMIGO CCB



o espaço do tempo
uma experiência diferente